

SANOFF, HENRY. (1994) SCHOOL DESIGN. NEW YORK: VAN NOSTRAND REINHOLD, 215 PP.

Resenha por Giselle Arteiro Nielsen
Azevedo
Mestre em Arquitetura
Doutoranda Engenharia de Produção
Professora Assistente FAU / UFRJ

Henry Sanoff, AIA, eminente *Professor of Architecture, School of Design, North Carolina State University*, um dos fundadores do Environmental Design Research Association (EDRA), consultor de arquitetura em projetos de ambientes escolares e centros infantis, autor de *Integrating Programming Evaluation and Participation in Design* (1993), *Visual Research Methods in Design* (1991) e *Participatory Design: Theory and Techniques* (1990), dentre outros, retoma em *School Design* a temática dos processos participativos no projeto do ambiente escolar.

Oferece-nos a possibilidade de refletir acerca das posturas usualmente adotadas no processo de planejamento escolar, arraigadas durante décadas, nas quais só o arquiteto ou projetista tem o saber e a autonomia suficientes para propor soluções, excluindo o usuário da tomada de decisões. Reúne um panorama de exemplos pouco comuns de projetos escolares, relatando práticas projetuais onde são reconhecidos os saberes de todos os usuários da escola ¾ alunos, pais, professores e administradores. Suas experiências são compartilhadas e todo o elenco de atores envolvidos é parte essencial no cumprimento de metas e objetivos consensualmente identificados.

Considerando que existe pouco material disponível publicado sobre como se desenvolve o processo projetual ¾ as práticas e métodos utilizados são timidamente discutidos ou pouco explicitados pelos arquitetos ¾ e ainda, uma escassez de pesquisas que descrevam a *performance* dos ambientes escolares sob o ponto de vista dos usuários, além da falta de uma sistemática retroalimentação que relate os resultados e forneça subsídios para modificar essa cultura projetual, a obra de Henry Sanoff constitui considerável contribuição à temática do projeto escolar.

A seleção dos estudos de caso, algumas edificações foram construídas, outras não, foi feita baseada em experiências que utilizaram inovadoras técnicas para o envolvimento do usuário. O panorama é bastante abrangente, incluindo uma variada tipologia de instituições escolares, desde centros infantis até universidades, passando por instituições públicas e privadas.

Ao longo dos capítulos em que esses exemplos são relatados, o autor sustenta os benefícios do processo participativo, focalizando a importância de se pensar a escola não como um local que "armazena" crianças e professores simplesmente, ou como uma estrutura física inerte e até mesmo nociva à implementação de uma proposta pedagógica, como acontece na maioria das vezes. Sugere pensar-se o ambiente escolar como um "organismo" que interage e dá respostas ao usuário, participando do aprendizado e construção do conhecimento. Menciona que recentemente tem havido um consenso de que o ambiente da sala de aula pode afetar atitudes e comportamentos, relacionando a qualidade do ambiente construído com a diminuição da interação social, o aumento da agressividade e a redução do grau de concentração na execução de tarefas. Lembra, porém, que ainda é comum disassociar os aspectos físicos do ambiente escolar do processo de aprendizagem; os próprios educadores raramente incluem os aspectos da qualidade do edifício em suas propostas pedagógicas, negligenciando a percepção e o ponto de vista do usuário.

Nos capítulos finais discorre sobre teorias, conceitos e métodos do projeto participativo, discutindo os principais pontos positivos, os fatores que contribuem para a eficácia do processo e a importância em se definirem claramente metas e objetivos. Esclarece que o processo deve ser claro, comunicável e aberto, encorajando o diálogo, o debate e a colaboração. Considera a participação como uma abordagem "inclusiva e pluralista", na qual as necessidades humanas fundamentais são preenchidas e os valores dos usuários refletidos. Acrescenta, ainda, o caráter social do projeto participativo, quando defende os interesses de um grupo de indivíduos que normalmente têm seus anseios e expectativas ignorados, ou dominados pela burocracia das grandes organizações e instituições públicas.

O tema central do livro de Sanoff é, então, basicamente, uma conscientização da importância da participação do usuário no projeto escolar como fator de incremento à qualidade do ambiente construído, uma vez que as práticas projetuais tradicionais baseiam-se geralmente na "standardização", sem maiores reflexões sobre as atividades desenvolvidas e as necessidades/expectativas do usuário e, conseqüentemente, sem um maior aprofundamento sobre o impacto do ambiente escolar no desenvolvimento e implementação da educação. Enfatiza, portanto, a produção de uma arquitetura escolar fundamentada na interação usuário-ambiente, onde o produto final é mais comumente bem sucedido, porque é melhor compreendido e apropriado pelos indivíduos que o utilizam.

As considerações do autor convidam-nos, ainda, à reflexão, quando insinua uma mudança de atitude do arquiteto, que quase sempre assume uma postura arrogante e autoritária ao considerar o projeto como uma atividade exclusiva de um "gênio individual" e resultante de um inexplicável "insight" criativo. Nas técnicas

participativas, entretanto, o arquiteto participa do processo assumindo o papel de mediador, fundamental para facilitar o diálogo e estimular a exposição de idéias e opiniões, além de fornecer informação técnica e discutir as conseqüências da adoção de determinada alternativa. Essa mudança de atitude poderá delinear os contornos para a implementação dessa arquitetura mais humana, carregando os conceitos de que a arquitetura no futuro deverá ser menos representativa dos ideais e vaidades dos projetistas e mais representativa dos anseios de seus usuários.